

UM ESTUDO PRELIMINAR DO /e/ PRETÔNICO

STELLA MARIS BORTONI
CRISTINA ABREU GOMES
ELISABETE DA SILVA MALVAR
POLIANA MARIA ALVES
Universidade de Brasília

O vocalismo átono do português antigo e contemporâneo tem sido objeto de vários estudos. Neste trabalho reunimos informações obtidas em muitos desses estudos, incorporando algumas delas a uma análise que fazemos do /e/ pretônico em duas variedades do português brasileiro, a alagoana e a brasiliense. Na primeira variedade, fazemos uma distinção entre falantes que permaneceram sedentários no estado de Alagoas e aqueles que emigraram, já adultos, para Brasília¹. A variedade falada por pessoas nascidas e criadas em Brasília desperta bastante interesse porque configura uma situação de intenso contato dialetal, com ausência de um substrato predominante. Estudos exploratórios têm mostrado que a pronúncia que vem-se formando em Brasília é um denominador comum das falas brasileiras, no qual tendem a desaparecer os traços típicos identificados com os falares regionais (Bortoni, 1989). Dedicamos alguma reflexão também à questão da implementação da regra, procurando encontrar evidências que nos indiquem se estamos diante de um fenômeno neogramático ou de difusão lexical (cf. Oliveira, 1989).

No português de Lisboa, descrito por Mira Mateus et alii (1983), as vogais anteriores /e/ e /é/ reduzem-se a [ɐ], e as vogais posteriores /o/ e /ó/ a [u] em posição pretônica. Aparentemente, as exceções a esta regra podem explicar-se por analogia com palavras cognatas.

No português do Brasil o /e/ subjacente pode ser realizado, em qualquer variedade, como [e], como [i] ou como [é]; o /o/, como [o], como [u] ou como [ó]. A frequência de cada uma das três variantes das duas vogais difere nas distintas variedades. O próprio processo de condicionamento da regra também parece ter características peculiares nos diversos falares.

Para Herculano de Carvalho (1969), a preservação das vogais médias na posição pretônica no português do Brasil, que há muito desapareceram da pronúncia lusitana, é um arcaísmo. Révah (1958) também interpreta o [e] pretônico do português brasileiro como conservação de pronúncia seiscentista portuguesa. Naro (1971) atribui a elevação das vogais pretônicas em Portugal a dois processos: generalização pela imagem de espelho, para a posição pretônica, da elevação das vogais átonas finais [i] e [u], consolidada ao final do século dezoito; e confusão de diversos tipos de prefixos. Pelo processo de imagem de espelho, a elevação das vogais finais átonas – que se explica pelo decréscimo da energia expiratória em posição pré-pausa – transmitiu-se para a sílaba pretônica. Este processo acelerou-se pela confusão ou contaminação do prefixo en- → in- com o prefixo erudito in-, e de eis- ou es-, derivado de ex- com ens-, derivado de ins-. O resultado foi a alternância de en- ≈ in- e de es- ≈ ens- ≈ ins- ≈ is- em posição inicial. Outra fonte de alternância, de acordo com Naro, foi a prótese das vogais [e] ≈ [i] ao grupo consonântico inicial formado por [s] + consoante.

Quando a língua portuguesa começou a ser exportada para o Brasil, o curso evolutivo da regra da elevação das vogais átonas finais estava mais avançado que o das vogais pretônicas e a regra de elevação e centralização ([e] > [ɛ]) nesta posição não sobreviveu ao contato de dialetos e línguas na colônia². Porém a regra de elevação ([e] > [i] e [o] > [u]), mais antiga, implantou-se no português brasileiro, onde também se instituiu, nos subfalares do Norte, (cf. Antenor Nascentes, 1953) uma regra concorrente de rebaixamento dessas vogais ([e] > [é]; [o] > [ó]) que, nos subfalares do Sul, aplica-se somente, segundo o dialetólogo, nos diminutivos e nos advérbios em mente³. Herculano de Carvalho (1969:96) considera possível que as vogais fechadas pretônicas tenham sido substituídas por vogais abertas nesses falares “nas correlações entre formas morfológicas diversas em que a vogal [do semantema] ora é acentuada, ora pretônica [...] e que daí as realizações abertas se tenham generalizado a todas as pretônicas independentemente de tal correlação ou alternância”.

Em geral os estudos sobre as vogais pretônicas do português têm atentado para dois fatores que têm maior influência na variação dessas vogais: o condicionamento fonológico, enfatizando-se aí a assimilação à vogal alta seguinte e o efeito de uma regularização morfológica. Nos parágrafos seguintes apresentamos alguns desses estudos, começando pelos de caráter diacrônico. Nestes, os autores apresentam certas possibilidades de condicionamento fonológico para a variação, mas registram também casos com ausência de condicionamento.

Fernão de Oliveira (1536/1975) é o primeiro a registrar o fato

de que [e] e [o] átonos alternam com [i] e [u], respectivamente.⁴ Huber (1933/1986:72-8) observa que [e] pretônico do latim vulgar pode realizar-se como [i] no português arcaico em princípio de palavra (ecclesia > igreja ≈ egreja), e em interior de palavra nos seguintes ambientes: a) seguido por som palatal (meliore > melhor ≈ melhor); b) na presença de semivogal na sílaba seguinte (mīnuare > minguar)⁵; c) em hiato (leone > liom ≈ leom); d) antecedido por consoante palatal (genec(u)lu > giolho ≈ geolho); e) e, finalmente, seguido de [i] em sílaba tônica (vestire > vestir ≈ vistir). Quanto ao [o] pretônico, este alterna-se com [u] quando: a) imediatamente seguido de [i] (podiare > pujar ≈ pojar ‘apoiar’); b) antes de i < l (cūtellu cuitelo); c) antecedido ou seguido de labial (copertu > cuberto ≈ coberto; duplare > dubrar ≈ dobrar); d) em início de palavra (Ulveira, Ulvar ao lado de Olveira). Huber reforça o fato de que já no português antigo a maioria dos [o] pretônicos era pronunciada como [u], embora a escrita tenha representado apenas em parte essa pronúncia.

Maia (1986) apresenta um estudo sobre a variação em questão, em trabalho comparativo entre o português e o galego. Seu corpus é constituído por textos do século XIII ao século XVI, da região de Entre-Douro-e-Minho (nordete de Portugal) e da Galiza. São documentos notariais - documentos de doações, inventários, testamentos - inéditos. Há evidências suficientes nos dados, segundo a autora, para concluir-se que, desde o século XIII, o alçamento das médias pretônicas era bastante comum, sendo mais freqüente a presença de [i] e [u] nos textos galegos. Algumas formas são mais antigas na Galiza, apresentando [u] por exemplo, em lugar ≈ logar (século XIII), enquanto nos textos portugueses, para o exemplo dado, predominam as formas com [o] e as com [u] são mais tardias. O fenômeno é ainda mais forte no galego atual. É interessante notar que a evolução das pretônicas no galego é semelhante ao que ocorre no português do Brasil.

Os ambientes, observados por Maia, onde [e] alterna com [i] são “a) em posição inicial absoluta, podendo variar ainda com o ditongo [ei]: (egreja ≈ igreia ≈ eygreja); b) em posição não-inicial absoluta, seguida de [i] na sílaba seguinte (arcibispo, consíntia, obidiencia, difinimus). No entanto, a autora aponta a forma *scriver* que não se encaixa no condicionamento proposto; c) em contato com consoante palatal (Giraldo, melhor); e, finalmente, d) quando seguido de vogal tônica com a qual se encontra em hiato. Além desses ambientes, a autora trata em separado a evolução [e] > [i] nas formas de pretérito e tempos afins de alguns verbos irregulares como estar, ter e fazer. Segundo Maia, as formas com [e] etimológico aparecem com mais freqüência no galego (estevesse, fezerã, teverõ, tevesse). Nos documentos portugueses a situação é semelhante, aparecendo

somente em um documento do século XV a forma *fizer*. Essa situação é interpretada como tendo sido algo tardia a implantação nesses verbos das formas com [i]. “que resultam da propagação do *i* tônico da primeira pessoa do pretérito perfeito às formas fracas do mesmo tempo ou tempos afins.” (Maia, *op. cit.*, p.368).

Quanto ao [o]⁶, os ambientes em que há alternância com [u] são: a) posição inicial absoluta seguida de [i] ou [u] na sílaba seguinte (*acustumarom*, *custume* ≈ *acostumado*, *costume*); c) em contato com consoante labial (*subrado*, *numerado*, *pumares*); d) em contato com consoante palatal (*cunado*, *culleres*, *muller*). A autora apresenta, além desses ambientes, algumas formas que, segundo ela, não se encaixam em nenhum tipo de condicionamento: *logar* ≈ *lugar*, *curazõ*, *suterrar* ‘sepultar’. Exclui também de condicionamento fonético o caso dos verbos em -ir que têm [o] no radical. Os documentos da Galiza fornecem apenas duas formas com [u] (*cúplindo*, *cúprir* - séc. XIII). Segundo ela, nesses casos a explicação não deve ser a influência do [i], pois há outras formas verbais que não possuem esse condicionamento e apresentam alternância com [u]. A explicação estaria em um processo analógico em relação às formas que apresentam [i], e que se generalizaria a toda a flexão (ex.: *cooperio* > *cubro*, *compleo* > **complio* > *cumpro* ≈ *cumplo*, e daí, *coverto*, *cumprir*, *descubertas*, *cubrades*, etc.).

Matos e Silva (1989), analisando um corpus extraído do documento medieval **Os diálogos de São Gregório**, texto literário traduzido visando à educação religiosa, versão trecentista, também registra a variação das médias pretônicas. A autora registra para [e] e [o] a possibilidade de variação em sílaba inicial absoluta (*enfinita* ≈ *infinita*; *homildade* ≈ *humildade*) e em posição não inicial absoluta (início de palavra e intertônica) quando seguida de vogal alta ou semivogal (*lenguagem* ≈ *linguagem*; *bugia* ≈ *bugia*; *enterido* ≈ *entirido*; *outoridade* ≈ *outuridade*). Há o destaque para *confojon* ≈ *confujon*, que não apresenta esse condicionamento.

Finalmente, em Duarte Nunes de Leão (1576/1983), na sua **Ortografia da Língua Portuguesa**, encontra-se referência à avaliação social do fenômeno. Em uma lista de palavras que “a gente vulgar usa e escreve mal”, itens como *mulher*, *milhor*, *cileiro*, *dísforme*, *fugareiro* e *tisouro* são classificados como errados e devem ser emendados, respectivamente, para *molher*, *melhor*, *celeiro*, *desforme*, *fogareiro*, *tesouro*,

Entre os autores que estudaram o fenômeno no português contemporâneo, Herculano de Carvalho (*op.cit.*) atribui suas causas ao processo fonológico de harmonização vocálica, por meio do qual a vogal pretônica é assimilada à vogal da sílaba seguinte, e ao que ele denomina consciência etimológica da derivação. Este fenômeno, de natureza analó-

gica, faz com que as vogais pretônicas [e] e [o], associadas a [é] e [ó] tônicos, respectivamente, em palavras cognatas, tendam a conservar-se foneticamente mais próximos dessas vogais tônicas, resistindo à elevação. Assim, *ferreiro* e *sortudo*, por exemplo, não são comumente realizados como **firreiro* e **surtudo*. Convém observar, porém, que este processo analógico vai funcionar de forma diferenciada nas diversas variedades. Entre falantes de dialeto rural em Minas Gerais registramos: acurteis 'cortês', agurinha 'agorinha' e bizirrinha 'bezerrinha', formas que não são encontradas em outras variedades.

Antônio Houaiss (1958) aponta igualmente para a "harmonia vocálica" e a "regularização morfológica", mas refere-se também ao papel de uma restauração erudita que, por via ortográfica, estaria preservando as vogais médias. Este autor inclui ainda o fator frequência lexical na análise, ao observar que palavras comuns estão mais sujeitas à elevação que palavras raras. Finalmente, observa que em estilo coloquial a elevação é mais freqüente que em estilos formais.

Bisol (1981) realiza um minucioso estudo da elevação das pretônicas [e] e [o] em quatro variedades gaúchas, usando o paradigma da regra de variação, desenvolvido por Labov, D. Sankoff e outros. Segundo a autora, a harmonia vocálica é basicamente um fenômeno de assimilação regressiva, mas além da influência da vogal seguinte - que é o principal -, outros fatores condicionam a realização da regra de variação, que se aplica principalmente àquelas vogais pretônicas que são átonas permanentes, i.e., não estão paradigmaticamente associadas a vogais tônicas baixas.

Com relação à elevação do [e], Bisol observa que o ambiente mais favorável é o da vogal homorgânica alta na sílaba seguinte, (a alta não-homorgânica [u] tem influência menor). Uma consoante velar e uma palatal seguinte favorecem a aplicação da regra, que é inibida pela presença de uma consoante alveolar ou labial contíguas. O estudo mostra ainda que a vogal nasal [en] e a seqüência [es] em posição inicial estão mais sujeitas à elevação que as demais ocorrências da vogal. Esta informação corrobora a hipótese diacrônica de contaminação de prefixos, descrita acima (Naro, *op. cit.*).

Bisol constatou que qualquer das vogais altas, na sílaba contígua seguinte, favorece igualmente a aplicação da regra no caso do [o]. Os ambientes consonânticos favorecedores são consoante labial vizinha, palatal seguinte e velar precedente. As consoantes alveolares inibem a aplicação da regra.

Callou e Leite (1986) examinam tanto a elevação quanto o abaixamento - este último bastante raro - das pretônicas na fala culta do Rio de Janeiro e apontam para diversos condicionamentos fonológicos.

Quanto a fatores sociodemográficos, observam que na linguagem das mulheres a regra de elevação se aplica com maior freqüência que na linguagem dos homens.

Outra pesquisa quantitativa é a de Silva (1986:218), que examina a altura das vogais pretônicas na variedade culta de Salvador. A autora distingue as regras variáveis de elevação do que chamou regra categórica de timbre, i.e. "uma vogal não alta torna-se sempre baixa (ex. b[é]liche, c[ó]légio, p[é]cado, conf[é]rência e p[ó]tência), a menos que, na sílaba subsequente, esteja uma vogal média, ou que, em verbos e deverbais de primeira conjugação, a consoante imediatamente seguinte seja uma palatal. Em ambos os casos ela se torna vogal média (Ex. c[ê]rveja, c[ô]rreo, f[ê]char, plan[ê]jamento)".

A questão da implementação da regra de variação das pretônicas é objeto principal da análise de Oliveira, M.A. (1989). Levando em consideração dados levantados por Viegas (1987), Oliveira se pergunta se a elevação das vogais pretônicas seria um fenômeno neogramático ou de difusão dialetal. No primeiro caso, a unidade básica da mudança é o fonema; as mudanças são condicionadas por fatores fonéticos e, por isso, são foneticamente graduais e lexicalmente abruptas. As exceções são atribuídas ao processo de analogia. No caso da difusão dialetal, a unidade básica da mudança é a palavra: as mudanças são consideradas foneticamente abruptas e lexicalmente graduais⁷.

O autor começa por analisar o condicionamento fonético da regra. Para o alçamento do [o], considera como ambientes favorecedores uma consoante precedente obstruente e uma consoante seguinte nasal. As consoantes precedentes sonorantes são consideradas ambiente desfavorecedor. Para o [e], são ambientes favorecedores uma vogal seguinte alta, a ausência de segmento precedente quando a sílaba pretônica é travada por alveolar fricativa ou a vogal pretônica é nasal e uma sonorante na sílaba seguinte. Os fatores desfavorecedores são uma obstruente precedente e vogal não-alta na sílaba seguinte.

Em seguida, compara duas listas de palavras, a primeira com palavras em que a vogal média é categoricamente realizada no dialeto em questão (comício, tomada, pomar, cometa, bonina, mendigo, semente, medita, preciso (adjetivo), sensível etc.) e a segunda onde a vogal alta é categórica (comida, tomate, pomada, começo, bonito, mentira, semestre, medida, preciso (verbo), sentia, etc.) Constatando ausência de regularidade fonética, Oliveira conclui que está diante de um caso de difusão lexical e sugere finalmente, que toda mudança sonora a) é lexicalmente implementada e b) só atinge total regularidade se, e somente se, ocorrer num ambiente fonético que lhe seja favorável.

A hipótese levantada por Oliveira suscita bastante interesse e merece ser testada com diversos casos de mudança lingüística. Queremos nos deter aqui, todavia, no caso das pretônicas, conforme foi apresentado por ele, observando que a) a realização categórica como média ou como alta, constatada em Belo Horizonte, não se confirma, necessariamente, em outras variedades; b) o estudo em questão não levou em conta dois fatores importantes no condicionamento fonético, a saber, a altura da vogal seguinte no caso do [o] e o ponto de articulação das consoantes vizinhas em ambos os casos (o condicionamento postulado leva em conta o modo e não o ponto de articulação); e c) não se considerou também a influência da tonicidade subjacente, que se manifesta no que alguns autores já mencionados denominam regularização morfológica. Observe-se que esta não é incompatível com o paradigma neogramático já que configura um fenômeno de analogia.

É possível que, mesmo analisando-se a variação das pretônicas com postulação de condicionamentos fonéticos os mais detalhados possíveis, e considerando-se a influência do fator morfológico, reste ainda um resíduo de palavras (como no par b[u]nita / b[o]nina) onde tenhamos que buscar explicação em fatores como frequência lexical ou influência ortográfica. Apesar da grande quantidade de estudos sobre o assunto, restam ainda várias hipóteses por testar para que se possa conhecer melhor o processo de implementação dessa mudança lingüística do português. Nossa contribuição, que passaremos a expor, consistiu apenas em examinar detalhadamente, em dois dialetos bem distintos, os efeitos do ambiente fonético e da regularização morfológica que, segundo muitos dos estudos anteriores, condicionam a variação do /e/ pretônico. Esta pesquisa tem caráter preliminar e insere-se numa pesquisa mais abrangente sobre as características fonológicas da variedade que está em processo de formação em Brasília.

Os dialetos analisados foram o de Alagoas e o de Brasília. Para o primeiro, examinamos 799 ocorrências de [e] pretônico, produzidas por 26 informantes adultos, dos quais 18 são mulheres. Doze desses informantes vivem em Alagoas, em Maceió - os que denominamos "urbanos" e na zona rural - os "rurais". Os outros catorze informantes são alagoanos que migraram, já adultos, para o Distrito Federal. Entre estes também distinguimos os de **background** rural e os de **background** urbano.

O corpus referente ao dialeto de Brasília consiste em 830 realizações da variável, produzidas por três informantes adultos de classe média - duas mulheres e um homem -, que nasceram e viveram toda a sua vida na cidade.

Para a análise dos dados foi usada a metodologia da análise de

regra variável. Usamos o programa **Goldvarb** (versão 1.9.1), que é uma adaptação do programa **Varbrul**, desenvolvida por David Rand e David Sankoff para uso em microcomputadores Macintosh, no Centre de recherches mathématiques da Universidade de Montréal.⁸

Os grupos de fatores incluídos na análise foram a) vogal seguinte (as sete vogais orais e as cinco nasais); b) consoante precedente (labial, alveolar, palatal, velar e pausa); c) consoante seguinte (labial, alveolar, palatal, velar, [S] e [R])⁹; d) nasalidade da vogal pretônica (vogal oral e vogal nasal); e) tonicidade subjacente (átonas permanentes: aquelas que não se associam paradigmaticamente a vogais baixas tônicas em palavras cognatas, átonas eventuais: aquelas que se associam a vogais baixas tônicas em palavras cognatas; e formais verbais em que os alomorfes da raiz ora se realizam com vogal média, ora com vogal alta, ora com vogal baixa, e.g. eu durmo, ele dorme, nós dormimos). Além desses grupos de fatores estruturais, incluímos sexo do falante, local de residência (alagoanos sedentários, alagoanos migrantes residentes em Brasília e “candangos”, i.e. nativos de Brasília) e **background** rural e urbano no caso dos alagoanos. Os resultados da variável dependente, fornecidas as proporções e probabilidades no caso de elevação do [e], referem-se à realização como [1], opostas às realizações como [e] e como [é]. No caso de rebaixamento, os resultados, fornecidos em proporções apenas, referem-se à realização como [é], oposta às realizações como [e] e como [i]. Neste trabalho, entendemos que, na variedade falada pelos alagoanos, tanto a elevação como o rebaixamento da vogal [e] são regras variáveis e concorrentes. De fato registramos casos como Mac[é]ó Mac[i]ó e pr[é]sidente pr[i]sidente no corpus analisado.

Nas tabelas que se seguem apresentamos os resultados dos grupos de fatores analisados. Complementam a apresentação os gráficos 1 e 2 em anexo.

TABELA Nº 1
EFEITO DA VOGAL SEGUINTE NA ELEVAÇÃO DO /e/

	Alagoanos		Candangos	
	%	Probabilidade.	%	Probabilidade
[i]	53	.77	25	.75
[a]	24	.26	21	.39
[u]	40	.27	48	.76
[o]	45	.54	15	.21
[é]	30	.22	36	.42
[en]	13	.25	35	.58
[an]	25	.33	34	.32
[e]	37	.50	15	.21
[ó]	36	.39	37	.47
[on]	12	.04	29	.29
[in]	90	.96	86	.95
[un]	88	.96	14	.69

Como se pode facilmente observar, a ordenação dos fatores difere de um dialeto para outro. No caso dos brasilienses, as vogais seguintes que mais favorecem a elevação são as altas, orais e nasais, e a anterior média alta nasal [en]. No caso dos alagoanos, os ambientes mais favorecedores são as vogais altas nasais e a alta anterior oral [i]. Também favorecem a elevação as médias altas [o] e [e], conforme se pode conferir no gráfico 1, as vogais que desfavorecem a elevação, favorecem o rebaixamento nesta variedade. Com o [u] a proporção de rebaixamento é de 60%; com o [on] de 88%; com o [en], de 85%; com o [ó] de 64%; e com o [é] de 59%. Estes dados nos levam a crer que tanto a elevação quanto o rebaixamento da vogal média anterior são condicionados na variedade em questão pela qualidade da vogal seguinte.

TABELA Nº 2
EFEITO DA CONSOANTE ANTERIOR NA ELEVAÇÃO DO /e/

	Alagoanos		Candangos	
	%	Probabilidade	%	Probabilidade
Alveolar	41	.50	10	.28
Velar	25	.30	18	.47
Labial	26	.42	15	.36
Palatal	09	.19	43	.82
Pausa	84	.88	68	.87

TABELA Nº 3
EFEITO DA CONSOANTE ANTERIOR NO REBAIXAMENTO DO [e]
NA FALA DOS ALAGOANOS

Alveolar	44%
Velar	61%
Labial	59%
Palatal	57%
Pausa	12%

TABELA Nº 4
EFEITO DA CONSOANTE POSTERIOR NA ELEVAÇÃO DO [e]

	Alagoanos		Candangos	
	%	Probabilidade	%	Probabilidade
Alveolar	34	.42	23	.46
Velar	46	.64	19	.54
Labial	30	.39	20	.66
Palatal	31	.40	11	.21
/S/	83	.92	67	.79
/R/	07	.13	03	.12

TABELA Nº 5
EFEITO DA CONSOANTE POSTERIOR NO REBAIXAMENTO DO [e]
NA FALA DOS ALAGOANOS

Alveolar	50%
Velar	42%
Labial	47%
Palatal	55%
/S/	14%
/R/	85%

Os altos resultados da pausa anterior e do /S/ seguinte na elevação explicam-se pelo efeito da contaminação dos prefixos já discutida. A regra de elevação é também muito produtiva em ambos os dialetos nas palavras iniciadas por des-, na maioria das quais a seqüência é um morfema. O /R/ implosivo desfavorece a elevação em ambos os dialetos e favorece o rebaixamento na fala dos alagoanos.

Na fala dos brasilienses uma palatal precedente e uma velar e labial posteriores são favorecedoras da elevação, que é inibida por uma alveolar e labial precedentes e por uma palatal seguinte.

Nenhuma consoante precedente é especialmente relevante para a elevação do [e] entre os alagoanos. Consoantes palatais precedentes inibem a regra. Consoantes velares seguintes favorecem-na nesta variedade.

TABELA Nº 6
EFEITO DA TONICIDADE SUBJACENTE NA ELEVAÇÃO DO [e]

	Alagoanos		Candangos	
	%	Probabilidade	%	Probabilidade
Formas verbais	45	.62	11	.41
Permanentes	43	.56	36	.61
Eventuais	12	.13	07	.16

TABELA Nº 7
EFEITO DA TONICIDADE SUBJACENTE NO REBAIXAMENTO DO [e]
NA FALA DOS ALAGOANOS

Formas Verbais	34%
Permanentes	44%
Eventuais	77%

Na variedade que está em formação em Brasília, o [e] pretônico que não está associado a [é] em palavras cognatas é o mais sujeito à elevação. Segue-se o [e] das formas verbais. Na variedade alagoana, o [e] mais sujeito à elevação é, porém, o que ocorre nas formas verbais, que é justamente o ambiente menos favorável ao rebaixamento (ver tabela nº 7 e gráfico nº 2). Aqui temos, novamente, como no caso do fator vogal seguinte, evidência de que as regras de elevação e rebaixamento em Alagoas estão relacionadas.

O efeito do fator sexo, tanto numa variedade quanto em outra, foi irrisório. Os resultados das variáveis sociodemográficas na variedade alagoana estão descritas na tabela 8 e 9. Verifica-se que os alagoanos que migraram para Brasília apresentam maior incidência de elevação e menor incidência de rebaixamento.

TABELA Nº 8
ELEVAÇÃO E REBAIXAMENTO DO [e] ENTRE OS ALAGOANOS (I)

	Elevação		% de Rebaixamento
	%	Probabilidade	
Migrantes	45	.51	41
Sedentários	32	.49	54

TABELA Nº 9
ELEVAÇÃO E REBAIXAMENTO DO [e] ENTRE OS ALAGOANOS (II)

	Elevação		% de Rebaixamento
	%	Probabilidade	
<i>Background</i> urbano	36	.49	49
<i>Background</i> rural	44	.51	44

Ao estudarmos a variação da pretônica [e] em duas variedades brasileiras bem distintas, pretendemos contribuir com novas informações para o estudo da implementação dessa regra variável. Este trabalho terá prosseguimento, na UnB, com a análise das vogais pretônicas na fala de brasilienses nascidos no DF, controlando-se a origem dos pais, e na fala de brasilienses que se mudaram para a cidade até a idade de 10 anos, controlando-se, neste caso, a origem dos pais e a idade de migração.

NOTAS

- Os dados referentes aos alagoanos foram coletados por Josepha Adant, originalmente para sua tese de mestrado - *Difusão Dialetal: o caso dos alagoanos em Brasília* -, UnB, 1988.
- Este processo relaciona-se provavelmente à tendência ao ritmo acentual que se verifica no português lusitano e que não se expandiu para o português brasileiro. Para uma discussão sobre ritmo silábico e acentual nas duas variedades do português, ver Cagliari (1980) e Abaurre-Gnerre (1981).
- Mattoso Câmara (1953/1977:47) observa que os acentos tônicos do primeiro vocábulo em vocábulos compostos preservam uma subtonicidade (guarda-chuva, pré-histórico, sabiamente). Este acento subtônico explica a ocorrência de vogais abertas pretônicas em palavras como brevemente, abertinha, historicamente etc. nos falares onde a regra do rebaixamento não se generalizou.

4. “Das vogais entre **u** e **o** pequeno há tanta vezinhança que quasi nós confundimos, dizendo uns **somir** e outros **sumir**, e **durmir**, ou **dormir** e **bolir** e **bulir** e outras muitas partes semelhantes. E outro entre **i** e **e** pequeno como **memória** ou **memória**, **glória** ou **glória**. (Oliveira, 1536/1975:64).
5. O **i** da palavra *minuare* era breve e como tal deveria ter evoluído para **e**.
6. A autora não encontrou nenhum caso nos textos estudados, mas inclui o ambiente por haver registro da variação em outros textos galego-portugueses, e, ainda, por registrar a realização de [o] como [u], ainda hoje, nessa posição na região de Entre-Douro-e-Minho, mesmo na camada culta local, além da ocorrência dessa pronúncia na região galego-leonesa do Vale de Ancares, região marcadamente arcaizante. (v. Maia, *op.cit.* p. 396-7, incluindo notas 2 e 4).
7. Para uma discussão detalhada dos dois paradigmas, ver Labov, 1981.
8. Informações sobre o programa com: D. Sankoff ou D. Rand, Centre de recherches mathématiques, Université de Montréal, C.P. 6128, Succursale A, Montréal H3C3J7, (514) 343-7574. E-mail CRM @CC. Montreal.CA.
9. O [S] e o [R] representam os arquifonemas que ocorrem em posição posvocálica em sílabas travadas. Estes dois segmentos foram tratados separadamente porque, no caso do [S], temos o problema da contaminação histórica dos prefixos que terminam com esse segmento, já discutida; no caso do [R] posvocálico, estudos anteriores já demonstraram que é um ambiente favorecedor do rebaixamento das vogais pretrônicas (cf. Callou e Leite, *op.cit.*).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE-GNERRE, Bernadete (1981) “Processos fonológicos segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e casual do Português do Brasil. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, UNICAMP, :23-43.
- BISOL, Leda (1981) **Harmonia vocálica: uma regra variável**, tese de doutorado, UFRJ.
- BORTONI, Stélla (1989) “Dialect contact in Brasília”. Trabalho apresentado no **XVIII NWAVE**, a aparecer no **International Journal of the Sociology of Language**.
- CAGLIARI, Luiz Carlos (1980) “Investigando o ritmo da fala”. **Anais do V Encontro Nacional de Lingüística**, vol VII: 290-304.
- CALLOU, Dinah e Yonne Leite (1986) “Variação das vogais pretônicas”, pp. 167-9, **Atas do Simpósio Diversidade Lingüística no Brasil**, UFBA,
- CARVALHO, José Hercúlo de (1969) “Nota sobre o vocalismo antigo português: valor dos grafemas E e O em sílaba átona” pp. 74-103, **Estudos Lingüísticos**,

Coimbra: Atlântida Editora.

- HOUAISS, Antônio (1958) "Tentativa de descrição do sistema vocálico do português culto na área dita carioca" pp. 217-317, **Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro**, Rio de Janeiro: MEC
- HUBER, Joseph (1986) **Gramática do Português Antigo**, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, primeira edição: 1933.
- LABOV, William (1981) "Resolving the Neogrammarian controversy". **Language** 57(2):267-308.
- LEÃO, Duarte Nunes (1983) **Ortografia e Origem da Língua Portuguesa**, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, primeira edição 1576/1606.
- MAIA, Clarinda de Azevedo (1986) **História do Galego-Português**, Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- MATTOS E SILVA, Rosa V. (1989) **Estruturas Trecentistas**, Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- MATTOSO CÂMARA, Jr., Joaquim (1977) **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa**, Rio: Padrão, primeira edição: 1953.
- MIRA MATEUS, Maria Helena *et alli* (1983) **Gramática da Língua Portuguesa**. Coimbra: Almedina.
- NARO, Anthony J. (1971) "The history of e and o in Portuguese: a study in Linguistic drift". **Language** 47(3): 615-45.
- NASCENTES, Antenor (1953). **O Linguajar Carioca**, Rio: Simões.
- OLIVEIRA, Fernão D' (1975) **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda. Primeira edição: 1536.
- OLIVEIRA, Marco Antônio (1989) "The Neogrammarian controversy revisited", a aparecer no **International Journal of the Sociology of Language**.
- RÉVAH, I.S. (1958) "L'évolution de la prononciation au Portugal et au Brésil du XVIe. siècle à nos jours." pp. 387-399, **Anais do Primeiro Congresso Brasileiro da Língua Falada no Teatro**, Rio de Janeiro: MEC.
- SILVA, Myrian Barbosa da (1986) "Ainda sobre a natureza vocálica da semivogal do português", pp.217-21, **Atas do Simpósio Diversidade Linguística no Brasil**, UFBA.
- VIEGAS, Maria do Carmo (1987) "Alçamento de vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística". Dissertação de mestrado inédita, UFMG.

Gráfico nº 1: elevação e rebaixamento por vogal seguinte

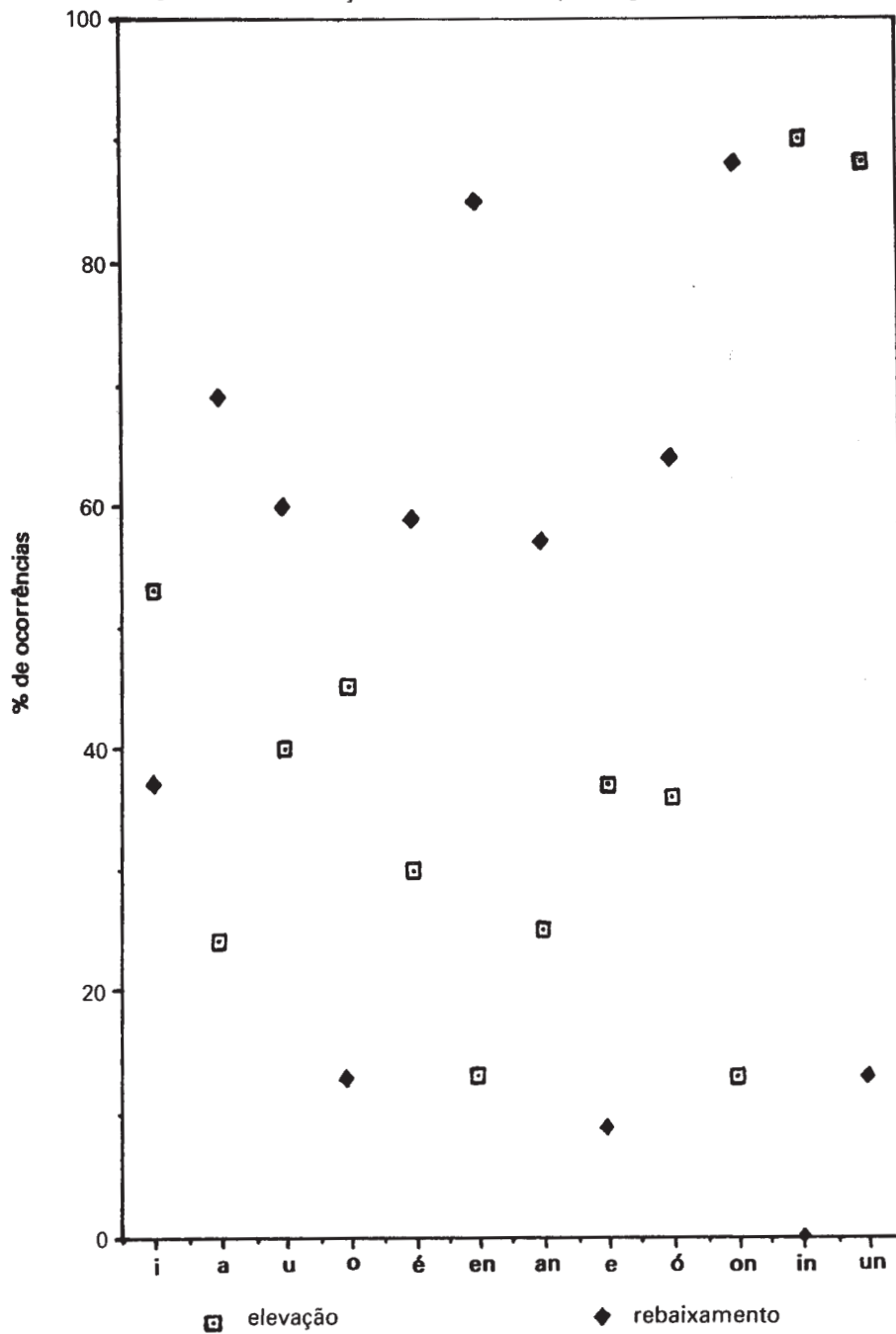


Gráfico nº 2: elevação e rebaixamento por tonicidade subjacente

